

Cultura e Memória: A Congada da Comunidade Lapeana

Paula Piva Linke

Resumo: Este artigo pretende analisar a relação entre os conceitos de cultura, memória e patrimônio, objetivando salientar como as manifestações festivas se apropriam destes conceitos construindo assim uma tradição. A Congada da Lapa é exemplo da relação entre tais elementos, pois através desta celebração a comunidade lapeana busca manter viva parte de sua história e cultura. Neste caso a relação entre os conceitos de memória e patrimônio é vista como uma relação de dependência, onde o ato de conservação está ligado ao ato de transmitir a memória para as próximas gerações. É importante ressaltar que a cultura é vista como um conceito dinâmico bem como o próprio conceito de patrimônio imaterial. Ambos se modificam em função do contexto social em que estão inseridos, assim como a própria celebração. A Congada é uma manifestação de origem escrava que marca a presença negra no Paraná. Esta encenação, em particular, consiste em uma disputa simbólica entre dois reinos, o reino do Congo (católico) e o reino de Angola (pagão). A embaixada enviada pela rainha Ginga (Nzinga) de Angola causa tumulto no reino do Congo e após alguns embates armados o Rei do Congo perdoa o embaixador angolano que se converte à fé cristã e se torna devoto de São Benedito. Portanto busco estabelecer a relação entre os conceitos de cultura, patrimônio e memória frente à Congada da Lapa e a entrevista realizada com seu Miguel Ferreira, atual guardião da Congada da Lapa relacionando a representação da festa e a tentativa da comunidade de resguardar sua tradição. Novos indivíduos com novas memórias e formas de ver o mundo a sua volta trazem novos significados à encenação, a tradição se mantém, mas o contexto e seus significados mudam, pois a cada geração novos valores são incorporados e rememorados. De acordo com seu Miguel, o grupo de Congadeiros da Lapa tem enfrentado algumas dificuldades relacionadas ao fator humano, a falta de participantes é preocupante, visto que a encenação precisa de um número grande de pessoas. Os membros do grupo precisam saber tocar, dançar, representar e declamar versos, a falta de tempo para os ensaios e a correria do dia-a-dia dificultam o processo e os mais jovens nem sempre demonstram interesse pelo rito. A Congada da Lapa é um exemplo de diversidade cultural e do processo de manutenção da tradição através da memória. Tradição esta que se torna patrimônio cultural por expressar os saberes e modos de festejar de uma comunidade específica. Tal comunidade busca relembrar constantemente seu passado através das origens da própria festa e da fé em São Benedito. Embora o trabalho seja árduo seu Miguel e seus companheiros continuam a homenagear São Benedito através da encenação da Congada.

Palavras-Chave: Conservação, Festa, Tradição,

1. Introdução

Neste trabalho busco compreender as relações entre cultura, patrimônio e memória para entender o processo de conservação das tradições. Neste caso a cultura é tratada como um processo dinâmico, que agrega valores e se modifica com o passar do tempo. A memória é vista como uma ferramenta que mantém viva a tradição, ela é transmitida às próximas gerações e o restante da comunidade para que novas pessoas assumam a responsabilidade de continuar a encenar o rito. O conceito de patrimônio apresenta-se como um elemento formador de identidade e valores, como forma de valorizar as práticas culturais, práticas estas que devem ser criadas e recriadas por aqueles que dela participam.

Tais conceitos auxiliam na compreensão da Celebração em homenagem a São Benedito, a Congada da Lapa. Tal encenação é um misto entre a cultura portuguesa, africana e a religião católica, elementos culturais distintos que se agrupam dando origem a uma festa cujas raízes vêm dos escravos do século XVII. Tal manifestação consiste em uma disputa simbólica entre dois reinos, o reino do Congo (católico) e o reino de Angola (pagão). A embaixada enviada pela rainha Ginga (Nzinga) de Angola causa tumulto no reino do Congo e após alguns embates armados o Rei do Congo perdoa o embaixador angolano que se converte à fé cristã e se torna devoto de São Benedito.

Portanto busco estabelecer uma relação entre os conceitos de cultura, patrimônio e memória frente à Congada da Lapa e a entrevista realizada com seu Miguel Ferreira, atual guardião da Congada da Lapa relacionando a representação da festa e a tentativa da comunidade de resguardar sua tradição.

2. Cultura, patrimônio e memória

O estudo das manifestações populares permite compreender novas formas de ver e pensar a cultura, pois elas representam mais do que simplesmente uma expressão local, mas também as formas de pensar e sentir de um povo e o modo como estes elementos se modificam com o passar do tempo. Neste caso, é fundamental compreendemos como a cultura se transforma e como ela se insere no ambiente festivo.

Deste modo, podemos entender a cultura segundo duas concepções, “a primeira remete a todos os aspectos de uma realidade social, a segunda refere-se mais especificamente ao conhecimento, às idéias e crenças de um povo” (SANTOS, 1994, p. 23).

Portanto, pode-se entender o universo cultural como uma forma de organização social, no qual estão inscritos uma série de códigos que quando associados coletivamente dão origem a uma manifestação cultural e social. Clifford Geertz (1978) faz referência à sociedade como um elemento em constante mutação e evolução, onde a cultura se origina da relação entre o caráter social e psicológico de cada ser humano. Em que o todo e o individual se completam e criam uma simbologia única, interpretada e vivenciada pelo homem de seu tempo. Arizpe complementa afirmando que:

Cultura se define como todo el complejo de rasgos espirituales, materiales, intelectuales y emocionales que distinguen a una sociedad o grupo social. No solo incluye las artes e las letras, sino también los modos de vida, los derechos fundamentales del ser humano, los sistemas de valores, las tradiciones y las creencias (ARIZPE, 2009, p.40).

Convém ressaltar a cultura como elemento mutável, suscetível a seu tempo e contexto. “En efecto, habría que reconocer que las culturas son momentos en el tiempo e no costumbres fósiles de la historia. Y que los individuos y los grupos son quienes deciden crearlas y practicarlas porque tienen razones para valorarlas”(ARIZPE, 2009, 238).

O universo cultural também pode ser explorado através das práticas e representações que o compõem, sendo que sua interpretação pode dar a conhecer a cultura como um processo comunicativo e não somente como a totalidade dos bens culturais produzidos pelo homem. A cultura é comunicada a cada indivíduo que a interpreta de acordo com a sua concepção individual (Chartier, 1988).

É através da história construída pelo sujeito anônimo que o todo se constitui e passa a ser integrado à vida cotidiana, fazendo parte das convenções sociais. É através destas convenções que surge uma identidade cultural, que se expressa de diversas maneiras, seja no comportamento, nas festas, na fala ou nas tradições. Identidade cultural, deve ser entendida aqui como “o processo de construção do significado com base num atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outra forma de significado” (CASTELLS, 1999, p. 03). Uma das maneiras de manter viva a identidade é preservar os símbolos destas práticas culturais, sejam eles monumentos ou manifestações culturais.

Los objetos y las prácticas culturales – físicas o inmateriales – solo adquirirían valor al renovar continuamente sus significados. Éstos tiene que ser conferidos, mantenidos e renovados por quienes los usan, practican o valoran, incluyendo todo tipo de públicos; son ellos quienes mantienen vivos los objetos y los performance como narrativas socialmente significativas (ARIZPE, 2009, p.50).

Neste sentido conservar práticas culturais não implica o fato de mantê-las estáticas, mas de registrá-las enquanto manifestação cultural localizada no tempo e no espaço. Assim sendo, o termo patrimônio reflete a tentativa de salvaguarda de bens tangíveis e intangíveis, assim como também é uma forma de preservar as raízes de uma cultura.

O termo patrimônio possui uma fundamentação ideológica bastante ampla, abrange a concepção de proteção nos seus mais variados sentidos, bem como o ideal de conservação e registro de objetos e práticas culturais (GONÇALVES, 2002). De outro modo, “os bens patrimoniais podem ser compreendidos como inscrição que fala de um tempo pretérito, que o relata e o torna presente e significativo, apontando para um futuro até certo ponto possível” (KERSTEN, 2000, p. 29). Portanto, a relação entre cultura e patrimônio pode ser entendida, segundo Magmami, como um conjunto de códigos:

[...] se a cultura é um conjunto de códigos, o patrimônio é a série de falas que só adquirem inteligibilidade por referência àqueles códigos. A noção de patrimônio, desta forma, aponta para o aspecto da exterioridade da cultura: objetos, técnicas, espaços, edificações, crenças, rituais, instrumentos, costumes, etc, constituem os suportes físicos, as formas particulares e tangíveis de expressão dos padrões culturais (MAGMAMI, 2000, p. 32).

O patrimônio está ligado à concepção de identidade, representa as transformações culturais, ideológicas e sociais pelas quais passam os habitantes de uma cidade, região ou país. Não são apenas os monumentos e bens tangíveis que expressam tal identidade, as práticas culturais também o fazem e são reconhecidas como patrimônio imaterial.

El patrimonio cultural inmaterial no es un objeto, una representación o un sitio, se bien éstos pueden incorporados y darle forma material. Básicamente consiste en una propagación de significados alojados en lo profundo de la memoria colectiva. No puede considerarse de otra manera, ya que la principal premisa es su definición es que las culturas están en constante cambio, a medida que quienes las practican y las admiran crean nuevas formas y se adaptan a las circunstancias históricas (ARIZPE, 2009, p. 28).

O Patrimônio Imaterial é transmitido de geração em geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

O ato de conservar o patrimônio material, imaterial, ou manifestação cultural está ligado ao conceito de memória, pois é através do processo de rememoração que o “mito” se mantém vivo no cotidiano dos indivíduos.

Quando falamos da memória que pertence a vários indivíduos, o termo mais adequado seria memórias possíveis, pois os indivíduos rememoram o mito de forma diferente, mesmo possuindo memórias semelhantes.

Essa memória é um produto social, porque todos nós falamos um idioma, que é um produto social; nossa experiência é uma experiência social, mas não se pode submeter completamente a memória de nenhum indivíduo sob um marco de memória coletiva. Cada pessoa tem uma memória, de alguma forma, diferente de todas as demais. Então, o que vemos, mais que uma memória coletiva, é que há um horizonte de memórias possíveis (PORTELLI, 2002, p. 31)

Neste sentido, as memórias possíveis estão relacionadas às experiências sociais que podem ser compartilhadas entre os indivíduos, mas há também uma memória que pertence ao indivíduo, é subjetiva e diz respeito à vivência pessoal do indivíduo.

O marco das memórias possíveis é, ao mesmo tempo, infinito, pois não há um limite para o que as pessoas possam pensar ou recordar e, também, finito, pois há um limite que está fundado sobre um acontecimento muito específico. Desta forma, quando falamos dessas memórias individuais, há uma parte disso que se pode tratar como uma ferramenta comparativa e estatística, porque há coisas que são compartilhadas e que se pode relatar, mas há outras coisas que são qualitativas, no sentido em que há o encontro entre um acontecimento, um lugar e uma subjetividade individual, uma história pessoal, individual, um passado e um futuro individuais (PORTELLI, 2002, p. 32)

Dentre estas muitas possibilidades da memória há outro fator que é de suma importância, a forma como o indivíduo marca a temporalidade, em entrevistas normalmente o entrevistado relata o tempo relacionando-o a um acontecimento de sua vida, antes de comprar a minha casa, na época em que tive minha filha. O tempo faz referência àquilo que é importante para o indivíduo e nem sempre é marcado cronologicamente, em datas (PORTELLI, 2002). A memória trabalha com o tempo e o passado, mas essas expressões de tempo e passado se dão de forma diferenciada quando se trata da oralidade.

Ecléa Bosi ressalta a relação passado-presente: “a memória parte de um presente, um presente ávido pelo passado, cuja percepção é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais” (BOSI, 2003, p. 20). A memória é como uma colcha de retalhos, fragmentada e combinada através da consciência individual, mas que quando analisada como um todo, ganha um significado mais amplo, mantendo vivo um fragmento cultural e histórico, preservado na memória do indivíduo.

A memória faz: fixa-se em fragmentos, ou melhor, em unidades de memória que não estão necessariamente conectadas em uma narração, em um relato cronológico ou em uma seqüência lógica, contudo se associam, cada vez de uma memória distinta, buscando uma relação entre eles na criação de um sentido que todos estes fragmentos constroem juntos. [...] Há uma palavra, ou um objeto, que aparece em duas experiências distintas e então se associam. Tem-se aqui outro método de construção do texto, seguir as conexões das palavras. Assim, a memória apresenta-se ao esmo tempo fragmentária, pois não é um construto perfeitamente arquitetônico, mas tem um sentido, ou seja, cada vez constrói um sentido com associações diferentes (PORTELLI, 2002, p. 45).

A cada ato de rememoração a memória se combina e organiza para expressar as experiências do indivíduo, experiência relacionada a um momento específico que possui uma

significação específica dentro da realidade cultural daquele indivíduo. “A memória é sim um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, contado pela cultura e pelo indivíduo” (BOSI, 2003, p. 53).

Neste contexto é conveniente ressaltar a importância da escrita, que registra no papel os acontecimentos, diferente da memória oral que registra no sujeito a vivência dos fatos ou a tarefa de passá-los adiante. “Na maior parte das culturas sem escrita, e em numerosos setores da nossa, a acumulação de elementos na memória faz parte da vida cotidiana” (LE GOFF, 1994, p. 427). Manter uma memória viva para uma sociedade sem escrita é utilizar as variáveis da oralidade para preservar e despertar em outros indivíduos o desejo de manter viva aquela memória. No entanto, a oralidade por si só não permanece no tempo, ela não pode ser registrada, e com o passar dos anos os fatos vão se modificando ou se perdendo. Já as sociedades que possuem a escrita, a usam para preservar sua história. Todavia, mesmo na cultura escrita a memória é alterada; não da mesma maneira que nas culturas orais, mas sempre de modo diferente aos fatos ocorridos e também está sujeita ao desaparecimento:

A escrita enquanto memória possui duas funções principais: uma é o armazenamento de informações, que permite comunicar através do tempo e do espaço, e fornece ao homem um processo de marcação, memorização e registro; a outra reexaminar, reordenar, retificar frases e até palavras isoladas (LE GOFF, 1994, p. 433).

No entanto, a memória escrita não se refere unicamente aos documentos, mas também a escrita cotidiana que registra momentos ou as mais variadas informações. Assim, a memória funciona como uma forma de expressão cultural, que pode ser preservada das mais diversas maneiras, seja através da oralidade, da escrita, das tradições ou monumentos.

Portanto, compreender a inter-relação entre cultura, patrimônio e memória é uma forma de entender como as manifestações culturais se modificam, e, como as comunidades mantêm e buscam conservar suas raízes e memórias.

2. Congada: festa e identidade

A festa de São Benedito, mais conhecida como Congada, é uma manifestação popular que conjuga fé, devoção, música e dança e tem suas origens nas cerimônias de coroação dos reis do Congo (FERNANDES, 1977). Sua origem, ainda muito discutida, apresenta elementos culturais distintos, mas mantém certas características em comum.

Durante a existência das irmandades religiosas surgiram as Congadas, ou seja, a coroação de um Rei Congo no Brasil, presente nas festas religiosas e populares. Nessas festas, havia uma forte presença dos elementos do catolicismo, e também da música e da dança trazidas da África. Os negros cantavam misturando a língua africana com a portuguesa. Dançavam e festejavam fora dos padrões europeus (LARA, 2002; SILVA, 2007).

Contudo, embora esta festa tenha existido em vários lugares onde a presença negra foi marcante, ela foi desaparecendo aos poucos e a cultura e o mito dos escravos se perdeu no tempo.

Foi na América portuguesa que a eleição de reis negros e sua comemoração festiva esteve mais difundida, existindo comprovadamente desde o início do século XVII, ganhando força no século XVIII, mudando de feições no século XIX e ocorrendo ainda hoje em várias localidades brasileiras (SOUZA, 2006, p.179).

O que de fato marca esta festividade é a forte presença de elementos africanos e portugueses, e o modo como estes elementos se mesclam para produzir uma celebração rica em manifestações culturais.

Os Congos ou Congadas são folguedos que comumente aparecem na forma de préstitos (cortejos), onde os participantes, cantando e dançando, em festas religiosas ou profanas, homenageiam, de forma especial, São Benedito. Muitos destes

folgedos cumprem também um papel auxiliar no catolicismo popular, ajudando tantos devotos a cumprir suas promessas (SANTOS, 2006, p. 04).

Silva se refere à Congada como uma forma de interação e junção entre as culturas, ele assim a descreve:

Trata-se de um desfile ou procissão que reúne elementos das tradições tribais de Angola e do Congo, com influências ibéricas no que se refere à religiosidade. Esse fenômeno cultural é conhecido como sincretismo religioso: entidades dos cultos africanos eram identificadas aos santos do catolicismo, Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Ifigênia (SILVA, 2008, p. 12).

Embora ocorressem em vários países e em diferentes regiões de um mesmo país, tais festas apresentavam características particulares dependendo do lugar em que eram encenadas e de como a sociedade as apoiava ou reprimia. Neste sentido os escravos buscavam um momento para relembrar suas raízes e louvar seus protetores, além de poder tocar seus instrumentos e falar sua língua natal. Desta forma a festa “também unia, ajudava a consolidar a solidariedade no seio de cada nação e podia até promover alianças interétnicas” (REIS, 2002, p. 102).

Os africanos, etnicamente heterogêneos e com suas estruturas sociais esfaqueadas pelo tráfico, só se tornaram uma comunidade e começaram a partilhar uma cultura no Novo Mundo quando eles próprios a criaram, a partir das novas condições de vida. Eles trouxeram consigo informações, conhecimentos e crenças, mas não havia condições materiais e humanas para que reconstituíssem suas sociedades nas Américas. Assim, tiveram que se reorganizar e criar as instituições que respondessem às necessidades da vida cotidiana, sob as limitadas condições impostas pela escravidão (SOUZA, 2006, p. 152).

Assim sendo, os escravos encontraram na união e formação das irmandades uma forma de preservar sua cultura e identidade. No entanto, esta união entre os escravos era contraditória, pois havia preconceitos relacionados às etnias e em muitos casos, os escravos que podiam se candidatar ao cargo de Rei Congo deveriam pertencer ao grupo dos bantos.

As festas das irmandades e as folias tinham seus dias específicos, quando as respectivas bandeiras ficavam hasteadas e realizavam-se os cortejos públicos. Em alguns casos, havia determinação nos compromissos para que nos cargos de rei ou rainha fossem exclusivos de uma “etnia” ou “nação”, outras vezes a identidade étnica era apenas enunciada, variando ao longo do tempo (LAA, 2002, p. 85).

Pode-se dizer então eu a festa de coroação de reis negros é uma tentativa, por parte dos escravos, de reviver sua cultura, seus mitos, danças e crenças. Apesar das dificuldades encontradas eles foram capazes de criar suas práticas culturais e fazer com que elas permanecessem até a atualidade.

3. A Congada da Lapa

Segundo Câmara Cascudo, a devoção a São Benedito chegou ao Brasil em meados do século XVIII por volta de 1763 e logo se espalhou entre os negros. Tal festa passou a ser celebrada do Ceará ao Rio Grande do Sul, no entanto, com o passar do tempo esta tradição foi desaparecendo do cenário brasileiro. A Congada se dava por meio da encenação de um conflito entre dois reinos, onde dança, música e coreografia representavam disputas entre o Rei do Congo e a Rainha de Angola. O Rei do Congo (Santo na Terra), assessorado por uma corte de Fidalgos, e a Embaixada de Ginga (Rainha de Angola), assistida pelo Exército e Embaixador; sendo que o combate culminava com a derrota da Embaixada visitante e o conseqüente perdão do Rei do Congo ao Embaixador, ficando unidos os reis de Angola e Congo, sob a égide do “Santo Preto” (CASCUDO, 2001).

A Congada chegou à Lapa por volta de 1820, com o movimento dos tropeiros, que deixavam Viamão (RS) rumo a Sorocaba (SP), passando pelos Campos Gerais paranaenses, tendo como um dos principais pontos de paragem a Lapa (FERNANDES, 1997).

A cidade foi chamada inicialmente de Campos de Vera em homenagem ao avô do governador da Província do Rio da Prata - D. Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, indicado para tomar conta das terras em nome do rei de Espanha. A cidade originase dos acampamentos de tropeiros por volta de 1540, passando à condição de povoado a partir do século XVII. A partir da construção da igreja de Santo Antônio em 1769 a cidade passará a se chamar Santo Antônio da Lapa (LANÇA, 2001, p. 03).

O pequeno povoado se desenvolveu devido à intensa atividade dos tropeiros que acampavam ali durante a noite, com o tempo outras atividades foram se desenvolvendo e o povoado foi crescendo. A vila foi sendo constituída pela ação direta das famílias lapeanas, mas também graças à atuação direta de atores sociais anônimos que trabalhavam na condição de escravos e agregados, desempenhando todas as funções necessárias para a manutenção dos sítios e fazendas da região (SILVA, 2007).

A cidade da Lapa passou por dois grandes conflitos, um deles a Guerra do Contestado e a outra o Cerco da Lapa. Este outro se trata da “resistência das forças legalistas contra os revolucionários federalistas. Nesta batalha tomou parte principalmente o povo da Lapa somado aos militares republicanos” (LANÇA, 2001, p. 04).

Devida a sua localização e sua forma de desenvolvimento a cidade manteve viva várias manifestações populares, dentre elas a Congada, manifestação da fé e devoção a São Benedito.

A Congada da Lapa é uma manifestação cultural típica do Paraná e está relacionada ao culto a São Benedito, patrono espiritual e co-padroeiro da comunidade lapeana (FERNANDES, 1977).

A representação da Congada de São Benedito na comunidade da Lapa acontece desde a época do Império, sempre no Ciclo de Natal, particularmente no dia 26 de dezembro, incorporada à Festa de São Benedito. A festa se apresenta como um elemento “formador da identidade afro-descendente, fator de resignificação da herança cultural e mítica africana, valorizadas e forjadas nas experiências de cativo e permeada pela devoção a um afro-descendente, São Benedito”. Por esse motivo, a representação da Congada é um fator de identidade de parte da população do local (SILVA, 2008).

Convém ressaltar que a encenação da Congada passou por uma série de modificações com o decorrer do tempo, no entanto, ela mantém seus elementos principais. Para conservar as raízes da encenação, os organizadores da festa deixam a cargo do “Rei do Congo”, personagem de maior autoridade dentro da encenação, a responsabilidade de transmitir às próximas gerações o conhecimento necessário sobre a organização do auto. Neste caso, a família do rei é responsável por se tornar a guardiã da tradição e mantê-la viva.

Devido à importância do auto para a comunidade, as raízes da festa são preservadas não somente através da memória, mas também de fragmentos escritos da história. Na cidade da Lapa, os guardiões desta preciosa história hoje são os irmãos Ferreira, que possuem um caderno com todas as especificações sobre a celebração.

Os irmãos Ferreira são os guardiões da memória do grupo, tendo reunido um rico acervo formado por trajes antigos, fotos e notícias de jornal sobre a Congada. A peça mais preciosa, guardada a sete chaves, é um caderno manuscrito datado de 1935 no qual estão registradas as falas dos personagens da Congada. Segundo Nei Ferreira uma das expectativas do grupo é conseguir uma sede própria para realização dos ensaios e para guardar a indumentária e o acervo histórico. Apesar da falta de recursos e das dificuldades para manter o grupo coeso, a Congada da Lapa sobrevive (MARANHÃO, 2008, p. 01).

Com o auxílio do caderno dos irmãos Ferreira a Congada mantém suas características, impedindo que haja uma desconfiguração devido à falta de informações ou a incorporação de novos elementos ao ritual.

No dia 19 de Dezembro de 2010 foi realizada uma entrevista com seu Miguel Ferreira, atual Rei do Congo e guardião da congada da Lapa. Na entrevistas foram abordadas questões referentes ao processo de manutenção da festa na cidade e ao trabalho de reunir os integrantes do grupo para as apresentações.

Infelizmente no ano de 2010 não houve a apresentação da Congada, pois, ela só ocorre com a permissão dos padres do Santuário de São Benedito, co-padroeiro da cidade. Neste ano a cidade passou pela revitalização do feriado municipal do dia 26 de dezembro.

O feriado municipal do dia 26 de dezembro em homenagem a São Bendito, oficialmente datava de 20 de setembro de 1952, através da Lei Municipal nº130. No entanto, no ano de 2005, foi aprovado pelo poder Legislativo Municipal uma Lei de Nº1257, extinguindo o feriado do dia 26 de dezembro. [...] A história nos conta que o dia 26 de dezembro era celebrado como a data do natal dos escravos e havia a tradicional veneração do “Santo Negro”, inclusive com a dança da Congada (AFONSO, 2010, p. 32).

Neste ano a cidade fez uma comemoração especial devido ao restabelecimento do feriado, mas a congada que deveria ser apresentada já não tem mais o apoio geral dos párocos do Santuário, o que dificulta o trabalho de seu Miguel em manter viva esta encenação.

Além da ajuda da igreja, seu Miguel também precisa do auxílio da comunidade para manter viva a congada, visto que é necessário um grande número de pessoas para encenar o auto. Nesta entrevista seu Miguel nos conta as dificuldades de manter um grupo e de fazer os integrantes serem capazes de desempenhar seu papel no auto.

Eu te digo, que difícil que é manter um no teu lugar, por que hoje o interesse parece que é pouco, e se você pega, tem que levar a sério, vamos supor, tem que pegar um papel maior, mas daí já tem mais texto, mais verso, eu tenho 25, mas com o tempo você decora e não esquece, você olha uma ou duas vezes no caderno, é suficiente. Muita coisa eu aprendi só vendo o meu avô, eu ficava sentado assim, mas eu estava ligado no que eles estavam falando, prestando atenção nas palavras deles, aí meu avô disse um dia “fala meu neto”, não saiu bem inteirinho, mas eu consegui falar o que eles falavam, e daí vai ficando na cabeça né (entrevista com seu Miguel Ferreira, 19/12/2010).

A dificuldade em conseguir novos membros e manter os que já participam do grupo tem preocupado seu Miguel que já não tem mais o apoio da comunidade, como era antes. Outra dificuldade é fazer com que os membros do grupo sejam capazes de memorizar as falas e sejam capazes de encenar os personagens sem esquecer-se de nada, pois é preciso saber os versos, as músicas e coreografias para encenar o auto com perfeição. Muitos têm vergonha ou medo de encarar o público, o que dificulta o trabalho de seu Miguel.

Atualmente o grupo da Congada possui 48 membros, que desempenham os mais variados papéis. De acordo com Fernandes “a corte do Rei Congo é composta pelo [...] Rei, a Rainha, o Príncipezinho, o Secretário, o Marquês, o Duque e mais seis fidalgos. Na embaixada da Rainha Ginga figuravam [...] o Embaixador, dois Caciques, dois Guias e dez Conguinhos” (FERNANDES, 1977, p. 06). Além destes personagens específicos há também a presença dos músicos, responsáveis por dar o ritmo aos versos e as danças realizadas ao longo da apresentação.

A encenação é composta por 12 cenas, são elas: desfile inicial; fila do trono; dança dos fidalgos; a chegada da embaixada da rainha de angola; entrada do embaixador; declaração de guerra; segunda guerra - luta entre fidalgos do congo e gente de angola - prisão do

embaixador; chegada dos prisioneiros à corte do congo; perdão real; entrega da embaixada; despedida do embaixador de angola; desfile final de confraternização (FERNANDES, 1977).

A apresentação é extensa, dura cerca de uma hora e meia e exige muito ensaio e treino dos participantes, visto que é necessário declamar uma grande quantia de versos, várias coreografias e cantos. Em seguida, seu Miguel continua a relatar a dificuldade em trabalhar com os integrantes.

Que nem ali no grupo tem bastante gente que tem capacidade de dançar, mas não tem capacidade de desenrolar o personagem direito, ele vai até uma altura, e se enrola tudo, treme, por que tem bastante, tem uns meninos que dançam, cada fidalgo tem um verso, o menino pequeno também tem, mas daí o do fidalgo é pequeno, é poucas palavras, mas tem uns que não conseguem falar essas poucas palavras. (entrevista com seu Miguel Ferreira, 19/12/2010).

Neste sentido a maior dificuldade citada por seu Miguel é o fato de encenar, pois é necessário saber falar, declamar os versos e interpretar o personagem com suas particularidades. Alguns personagens apresentam um grande número de versos, o que dificulta o processo de encenação, outro fator de relevância é a presença dos músicos, nem todos sabem tocar os instrumentos necessários, o que dificulta a substituição quando um membro sai do grupo. Cada personagem possui características específicas, principalmente no modo de se apresentar em cena, é preciso saber representar um fidalgo, seus gestos e modo de falar, bem como um embaixador ou soldado.

Ainda assim seu Miguel e sua família persistem em manter viva esta tradição através do auxílio dos amigos e parentes. A seguir, ele nos conta um pouco sobre o processo de manter o grupo unido e da dificuldade em relação aos ensaios antes da apresentação.

É que nem um time de futebol, tem que ser unido, e hoje é assim, de vez em quando a gente arruma uma condução pra trazer eles aqui e antes não tinha, antigamente não tinha. As pessoas iam tudo a pé e daí iam, antigamente chegava o dia do ensaio e tava todo mundo lá. Eu não sei ..., eu não exijo muito das pessoas, eu deixo todo mundo a vontade. No tempo do meu avô era diferente, ele era muito enérgico, bravo, bravo, bravo, mas parece que as pessoas levavam mais a sério e hoje parece que as pessoas levam na brincadeira, e daí você não vai ficar cobrando, exigindo, por que também tem uma coisa, você não tem que falar, a pessoa tem que ir de livre e espontânea vontade, ela tem que querer colaborar. A gente não pode exigir tanto deles, se vai, vai, se não vai, fazer o quê, daí vai quando resolve ir. Que nem o grupo às vezes da uma parada e a gente faz os ensaios sem contar com o grupo inteiro, no primeiro você tem três ou quatro, no segundo já tem sete daí quando vai chegando nos dias já vem mais gente, aí chega no dia ta sobrando gente, mas daí você não pode ficar decidindo quem vai ou não dançar. Se um não quer, tem outro que vai (entrevista com seu Miguel Ferreira, 19/12/2010).

Neste breve relato é notável a preocupação em fazer com que a comunidade se interesse e continue a participar da congada, caso contrário, assim como em outras localidades e encenação vai desaparecer. A falta de tempo dos participantes do grupo dificulta o processo de organização dos ensaios. As pessoas trabalham e nem sempre o tempo disponível é suficiente para os ensaios.

Em 2004 e 2005 a Congada da Lapa passou por um processo de revitalização. A Petrobrás financiou o desenvolvimento de um documentário “Documentário de revitalização de Congada da Lapa”, além do documentário, houve também o investimento em instrumentos musicais e figurinos novos. Parte deste material pode ser contemplado na exposição sobre a Congada presente na casa Vernelha na Lapa.

Embora este processo de revitalização tenha motivado a comunidade e fortalecido o grupo, fica a questão: até quando esta comunidade irá encenar a congada? Quem assumirá a responsabilidade de manter o auto quando seu Miguel se aposentar? Estas são questões ainda

sem respostas, mas cabe a nós historiadores observarmos e registramos estas práticas culturais para que elas não sejam esquecidas e para que, ao menos, permaneçam na memória.

4. Considerações finais

Os conceitos de cultura, memória e patrimônio auxiliam na compreensão dos valores culturais e como os indivíduos constroem suas tradições através do processo de salvaguarda da memória, ou seja, a tentativa de manter viva uma tradição que expressa o modo de viver e pensar de uma comunidade.

Os conceitos apresentados no início deste trabalho devem ser vistos como elementos que auxiliam no processo de construção de identidade e manutenção de crenças, visto que a memória e seus esquecimentos criam ritos particulares, bem como a cultura, dinâmica, que agrega valores com o passar do tempo. Novos indivíduos com novas memórias e formas de ver o mundo a sua volta trazem novos significados à encenação, a tradição se mantém, mas o contexto e seus significados mudam, pois a cada geração novos valores serão incorporados e rememorados.

As dificuldades relacionadas ao fator humano, falta de participantes é preocupante, visto que a encenação precisa de um número grande de pessoas. Os membros do grupo precisam saber tocar, dançar, representar e declamar versos, a falta de tempo para os ensaios e a correria do dia-a-dia dificulta o processo e os mais jovens nem sempre demonstram interesse pelo rito.

A Congada da Lapa é um exemplo de diversidade cultural e do processo de resgate e manutenção da tradição através da memória. Tradição esta que se torna patrimônio cultural por expressar os saberes e modos de festejar de uma comunidade específica. Tal comunidade busca resgatar/construir constantemente seu passado através das origens da própria festa e da fé em São Benedito. Embora o trabalho seja árduo seu Miguel e seus companheiros continuam a homenagear São Benedito através da encenação da Congada.

Referências Bibliográficas

AFONSO, João Renato leal. *26 de dezembro volta a ser feriado na Lapa*. In: O Santuário; Santuário diocesano de São Benedito: sinhô de todo devoto, paixão de todo lapeano. Nº1, dezembro de 2010

ARIZPE, Lourdes. *El Patrimonio Cultural Inmaterial de México: ritos y festividades*. Cidade do México: Miguel Ángel Porrúa; Universidad Nacional Autónoma de México; Consejo Nacional para la Cultura e las Artes, 2009.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória*. SP: Ateliê editorial, 2003.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 11. ed. revisto, atualizado e ilustrado. Global, 2001.

CASTELLS, Manuel. *A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, vol. 2*, São Paulo: Paz e terra, 1999.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa, Difel, 1988.

FERNANDES, José Loureiro. *Congadas Paranaenses*. Rio de Janeiro: MEC; Fundação Nacional de Arte – FUNARTE, 1977.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A retórica da perda. Os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Minc – Iphan, 2002.

KERSTEN, Márcia S. A. *Os rituais do tombamento e a escrita da história: bens tombados no Paraná entre 1938-1990*. Curitiba: editora da UFPR, 2000.

LANÇA José Roberto. *Congada lapaana - Paraná – Brasil*. 2001. Disponível em: <http://hemi.nyu.edu/unirio/studentwork/imperio/projects/betolanza/betolanzawork.htm>. Acesso em: 15/03/2009.

LARA, Sílvia Helena. *Significados cruzados: um reino de congos na Bahia setecentista* In: CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Carnavais e outras festas: ensaios da história social da cultura*. Campinas. Editora da Unicamp, 2002.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1994.

MAGMAMI *apud* KERSTEN, Márcia S. A. *Os rituais do tombamento e a escrita da história: bens tombados no Paraná entre 1938-1990*. Curitiba: editora da UFPR, 2000.

MARANHÃO, Maria Fernanda. *Vladimir Kozák e a Congada da Lapa*. In: Museu Paranaense, 2008. Disponível em: <http://www.museuparanaense.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=66>. Acesso em: 15/02/2009.

PORTELLI, Alessandro. *História hora e memórias: entrevista com Alessandro Portelli*. In Revista História e Perspectiva. Universidade Federal de Uberlândia, Cursos de História, N 26, Uberlândia, Julho 2002, p 27-54.

REIS, João José. *Tambores e temores: a festa negra na Bahia na primeira metade do século XIX*. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Carnavais e outras festas: ensaios da história social da cultura*. Campinas. Editora da Unicamp, 2002.

SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. 14º ed, São Paulo: Brasiliense, 1994.

SANTOS, Ubiraci Gonçalves dos. *Manifestação cultural afro-brasileira: Congada*. In: Ubiracipos, 2006. Disponível em: <http://ubiracipos.blogspot.com/2005/12/manifestao-cultural-afro-brasileira.html> Acesso em: 25/02/2009.

SILVA, Wagner Aparecida da. *Viva rei, viva rainha, viva também seu capitão. A família do congado em Conselheiro Lafaiete MG*. 2008. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008.

SILVA, Ana Lúcia da. *A tradição popular: a religiosidade e a expressão da cultura Afro-Brasileira em um das cidades históricas paranaenses; a Congada na Lapa*. 2007. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st1/Silva,%20Ana%20Lucia%20da.pdf>. Acesso em: 09/04/2009

SOUZA, Marina de Mello. *Reis Negros no Brasil Escravista: História da festa de coroação de rei congo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.